

COOPERATIVA DE BENEFICIAMENTO DE CASTANHA DOS PEQUENOS
PRODUTORES DO MÉDIO TOCANTINS/PA
ELEMENTOS PARA UM ESTUDO DE VIABILIDADE

IARA FERRAZ
CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA
MARÇO 1994

No sudeste do Estado do Pará convivem atualmente diferentes povos indígenas, comunidades de pequenos produtores rurais, extrativistas e ex-garimpeiros, em conflito permanente com o ritmo acelerado e a intensidade da exploração maciça de recursos naturais ali abundantes. Nas duas últimas décadas verificou-se a implantação e a presença autoritária de mega-projetos, como a hidrelétrica de Tucuruí e o complexo de Carajás, ao lado da devastadora atividade das madeireiras, das empresas de mineração e metalurgia, atrelados à expansão do grande capital e ao plano de industrialização forçada concebido para a região.

Para a grande maioria da população local, no entanto, deliberadamente excluída como mão-de-obra nesses projetos, as relações sociais e de produção de renda e trabalho estão baseadas no conflito pela posse da terra, onde a agricultura de subsistência, a coleta e o extrativismo (côco babaçu, cupuaçu, castanha-do-Pará) são atividades econômicas tradicionais que garantem, hoje em condições precárias, o modo de vida na região.

Cerca de 70% da produção de castanha são atualmente originários do sul e sudeste do Pará e, há cerca de meio século, são destinados à exportação sob monopólio de oligarquias regionais, através de uma rede de intermediários. Apesar da queda acentuada na produção regional ocorrida nos últimos dez anos em decorrência dos desmatamentos em grandes proporções e das fortes pressões de obras de infra-estrutura, madeireiras, grileiros, etc. - particularmente sobre os territórios indígenas aí localizados, que coincidem com florestas densas e castanhais - a produção de castanha nessa região é ainda muito significativa, sobretudo enquanto componente de um sistema econômico operante que é capaz de preservar e reproduzir ecossistemas e modos de vidas específicos.

Os povos indígenas que têm o seu habitat tradicional nessa região do médio Tocantins - XIKRIN, PARKATÉJÉ, AIKEWAR, PARAKANÁ e ASURINI - ainda dependem, uns mais outros menos, da comercialização da produção de castanha, dada a necessidade de aquisição de bens industrializados que se tornaram indispensáveis. Por outro lado, a extração da safra de castanha permite um controle efetivo de ocupação sobre esses territórios, exatamente numa época em que ficam vulneráveis a invasões e roubos de frutos comercializáveis, como é o caso dos PARKATÉJÉ (os chamados Gavião, localizados

nas proximidades de Marabá) que, nos últimos anos, tinham arrendado seus castanhais a terceiros ou mesmo dos PARAKANÃ, ambos hoje dependentes, paradoxalmente, dos recursos financeiros oriundos de indenizações recebidas do Estado em troca de porções significativas de seus territórios,, destruídas com a instalação da infra estrutura nos mega-projetos.

Para fazer frente à intensidade das pressões das empresas madeireiras que atuam na zona interfluvial Tocantins-Xingu, uma das alternativas à exploração predatória da madeira-de-lei, no caso dos XIKRIN do Cateté, é um projeto especial de manejo, ^{com} assessoria qualificada ~~através~~ de técnicos da USP, onde a extração e semi-beneficiamento da castanha é um componente importante *no inventário já realizado p/ produção consorciada*

De um modo geral, no processo de extração da safra de castanha, que se estende durante toda a estação chuvosa (dezembro a abril) ainda predomina na região o sistema arcaico do "barracão", em regime de trabalho semi-escravo, com o aviamento da produção controlado pelos patrões ou seus prepostos; a venda na "folha", ou seja, antecipada através desse fornecimento de mercadorias descontadas da produção ao final da safra é responsável pelo contínuo endividamento dos produtores e sua submissão à rede de intermediários e ao monopólio da comercialização. Assim como os trabalhos que antecedem a safra (limpeza de ramais, construção de pontes e mata-burros nos castanhais), o corte, a lavagem, o transporte e a medição da produção de castanha (em geral adulterada, pois o hectolitro - a medida-padrão - é acrescido de cerca de 20 litros) são realizados manualmente, exigindo grande esforço físico dos produtores.

A partir de meados da década de 80, a experiência da Cooperativa Agro-Extrativista dos Trabalhadores Rurais de Xapuri (AC) vem demonstrando o êxito desta atividade econômica tradicional, onde a introdução de mudanças substantivas no sistema de relações de produção levaram ao fim do regime do "barracão" (e do sistema de dívida com o patrão), em direção à ruptura do monopólio da comercialização/exportação, passando a beneficiar os produtores (os "povos da floresta", índios e não-índios). Após a extração, o semi-beneficiamento da castanha é descentralizado, ou seja, a produção é semi-desidratada por aquecimento nas próprias 'colocações', exploradas em regime familiar, conservando o produto e tornando-o mais leve para o transporte. A embalagem da produção, destinada à exportação, é realizada na sede do município, gerando empregos a nível local.

Com base nessa experiência e por iniciativa do Conselho Nacional dos Seringueiros, em conjunto com o Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular (CEPASP, com sede em Marabá), o Centro de Trabalho Indigenista (que

assessora os PARKATÉJÉ e os AIKEWAR) e com o apoio inicial do Centro Nacional para o Desenvolvimento Sustentado de Populações Tradicionais (CNPT/IBAMA), estudos preliminares vêm sendo realizados desde 1993, com o objetivo de aprofundar a discussão sobre a possibilidade de formação de uma cooperativa ~~em moldes semelhantes~~ entre os pequenos produtores, índios e não-índios, no sudeste do Pará. Além da castanha, o Processamento de outros frutos regionais (como o cupuaçu) poderá preencher o ciclo anual de operação de uma usina em Marabá, mantida pela cooperativa, em sistema de quotas dos produtores.

Os estudos preliminares em curso visam identificar os pequenos produtores regionais que virão a formar a cooperativa, promovendo transformações no processo produtivo, desvinculando-o sobretudo da submissão à rede dos intermediários e ao monopólio da comercialização. Estudos relativos a mercados potenciais para esses produtos, destinados sobretudo à alimentação (e não para fins cosméticos) também fazem parte desta etapa preliminar. Pesquisas recentes realizadas nos EUA demonstraram o alto valor protéico da castanha-do-Pará, consumida como tratamento auxiliar para portadores de HIV soropositivos.

A possibilidade de alocar a produção em mercado interno (em regiões carentes de proteínas) depende de desenvolvimentos de pesquisa e marketing (há experimentação por uma empresa no Estado do Paraná). Por iniciativa do CNPT, durante 1993 foram realizados em Belém alguns experimentos bem sucedidos de fabricação de leite de castanha em pó, por processo de liofilização, apontando para a necessidade de aprimoramento tecnológico com vistas à comercialização, *no futuro.*